

EDUCAÇÃO POPULAR E TRABALHO DE BASE: REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE PORTELINHA (CURITIBA-PR)

Anita de Melo Leonel Ferreira¹
Wanderley José Deina²

Resumo: Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a prática de trabalhos de base e de educação popular. As análises foram feitas a partir da atuação do Movimento de Organização de Base no Paraná (MOB-PR) na Comunidade Portelinha, uma ocupação urbana situada em Curitiba-PR, formada há 13 anos. Desde seu início, a ocupação reivindica por serviços públicos básicos como água e energia elétrica, além da regularização fundiária. Foi a partir de algumas demandas da Comunidade que, em 2014, nasceu no local o MOB-PR, que abriu alguns caminhos dos quais a pesquisa referida se aproveitou para construir suas análises. O recorte feito para este artigo possibilita refletir sobre a dialética entre trabalho de base e educação popular, aqui expressos através de relatos de experiências vividas durante trabalhos do MOB-PR, mais especificamente de dois de seus grupos de trabalho (GT), a “Ciranda”, atividades de educação popular para crianças e adolescentes da Comunidade e a “Horta Comunitária Eduardo Felipe”. Os registros foram feitos ao longo de uma pesquisa de campo composta por entrevistas áudio-gravadas, relatos em diário de campo, rabiscos, desenhos infantis e fotografias. Ao fim, foi possível constatar que o trabalho de base é a própria educação popular aplicada e que esta não deve ser reduzida à simples didática, ao contrário, deve manter-se em constante relação com outros trabalhos políticos que, diante das dificuldades enfrentadas e as demandas por rearranjos, desvios e recomeços, educam a partir do errático saber concreto.

Palavras-chave: Trabalho de Base. Educação Popular. Movimentos Sociais.

POPULAR EDUCATION AND BASE WORK: REFLECTIONS ON SOME EXPERIENCES IN “COMUNIDADE PORTELINHA” (CURITIBA-PR)

Abstract: This article presents some reflections on the practice of base work and popular education. The analyzes were made from the performance of the “Movimento de Organização de Base no Paraná (MOB-PR)” in “Comunidade Portelinha”, an urban occupation located in Curitiba-PR, formed 13 years ago. Since its inception, the occupation has demanded basic public services such as water and electricity, in addition to land regularization. It was based on some demands from the Community that, in 2014, the MOB-PR appeared on the local, which opened some paths that the aforementioned research took advantage of to build its analyses. The clipping made for this article makes it possible to reflect on the dialectic between base work and popular education, expressed through reports of experiences lived during the works of the MOB-PR, more specifically of two of its working groups (GT), the “Ciranda”, popular education activities for children and adolescents in the Community, and the “Eduardo Felipe Community Garden”. The records were made during a field research consisting of audio-recorded interviews, field diary reports, scribbles, children's drawings and photographs. In the end, it was possible to verify that the base work is the applied popular education itself and that the popular education should not be reduced to simple didactics. On the contrary, it must remain in constant relationship with other political works that, against the difficulties faced and the demands for rearrangements, deviations and restarts, educate from the erratic concrete life.

Keywords: Base Work. Popular Education. Social Movements.

¹ Licenciada em Artes Visuais, mestranda em Tecnologia e Sociedade pelo Programa de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR (PPGTE). Contato: anitaf@alunos.utfpr.edu.br

² Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, Professor do Programa de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR (PPGTE). Contato: vander.deina@utfpr.edu.br

Notas sobre o terreno e os trabalhos estudados

A base da pesquisa que fundamenta este artigo foi construída a partir da pesquisa de mestrado, realizada na Comunidade Portelinha através do Programa de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da UTFPR, com o título “um terreno de promessas: análise de trajetórias políticas na Comunidade Portelinha (Curitiba-PR)”. Os relatos que aqui constam foram levantados ao longo da pesquisa, que conta com a participação e diálogos de pessoas que moram na Comunidade Portelinha e/ou militam no Movimento de Organização de Base-Paraná (MOB-PR)³, que atuam na comunidade.

A Portelinha é uma ocupação urbana que surgiu em 2007 e está situada entre os bairros Portão e Santa Quitéria. Atualmente, a área que é relativamente pequena comporta quase 300 famílias, número fornecido pela Associação de Moradores, e se divide geograficamente em duas: a parte de cima e a parte de baixo. São duas áreas de chão de terra, cortadas ao meio por uma via rápida, cercadas por asfalto, comércio e vários condomínios residenciais.

FIGURA 1: Vista de cima da Comunidade Portelinha.



Fonte: Google Maps, com adaptações.

³ O MOB é movimento comunitário que atua de maneira autônoma e horizontal, ou seja, sem hierarquias entre participantes do Movimento, sem “direção”, “coordenação” ou relações de subordinação a qualquer outro grupo/instituição. Em Curitiba, atua na Comunidade Portelinha desde 2014. O Movimento se estrutura por GT’s e secretarias, mas, para além disso, o Movimento atua como apoio às mobilizações e demandas gerais da Comunidade. Este apoio se fez presente, por exemplo, nas reivindicações perante a prefeitura (para regularização do terreno), Sanepar (Companhia de Saneamento do Paraná), SEED (Secretaria da Educação e do Esporte), COHAB Curitiba (Companhia de Habitação Popular de Curitiba), ou em protestos contra a violência policial na Comunidade.

Sobre esse chão de terra cercado de asfalto, circulam vidas diversas. Pessoas que vêm e vão, a caminho ou no retorno da lida - o trabalho no comércio, na reciclagem, na construção ou em serviços domésticos⁴. Correm também crianças, muitas vezes em bando, brincando entre o parquinho e suas casas. Nas ruas da Comunidade circula também muita gente rumo ao postinho de saúde, ao mercado, aos estudos ou a alguma visita familiar. Sobre a Portelinha sobrevoam muitas pipas e, às vezes, alguns balões de São João, que vão se distanciando por cima de bandeirinhas coloridas.

Há anos que a Portelinha se mobiliza para a regularização do terreno, até porque, desde o ano de seu início corre na Justiça o pedido de reintegração de posse de terras da parte de cima. O mandado de reintegração foi primeiramente autorizado por uma juíza da 5ª Vara Cível do Foro Central de Curitiba, no dia 8 de Março de 2007 (PARANÁ, 2007). A ação de reintegração de posse foi iniciada pela empresa Plano Leve S/A, uma incorporadora de imóveis que, no processo que corre no sistema judiciário, de número 0012467-46.2007.8.16.0001 (PARANÁ, 2007), alega ser proprietária da terra ocupada assim como dos condomínios que fazem fronteira com casas da ocupação. Até o presente momento, a reintegração de posse não foi efetivada, ainda que conforme consta nos autos do processo, diferentes oficiais de Justiça tenham comparecido à Portelinha algumas vezes para efetuar-lá, mas sem de fato efetivá-la (PARANÁ, 2007).

Segundo o Teto (2017), a estrutura etária da Portelinha é a seguinte: 65,4% das pessoas fazem parte do grupo adulto (entre 15 e 64 anos); 32,6 % estão no “grupo jovem” (até 14 anos) e o restante, 2 %, são parte do grupo idoso (65 anos ou mais). Foi principalmente em relação direta com parte do grupo jovem que o MOB-PR iniciou sua atuação na Comunidade, em 2014.

De acordo com um antigo militante do Movimento, naquele ano uma das principais demandas da Portelinha era alguma atividade para crianças e adolescentes que não haviam conseguido vagas em creches e escolas e que, por isso, passavam horas sozinhas enquanto suas mães trabalhavam. Foi a partir dessa demanda e de um chamamento para ação em relação à ela, feito por pessoas do movimento estudantil Quebrando Muros, que foi construído um grupo de trabalho (GT) que de certa forma deu origem ao Movimento e continua ativo até os dias atuais: a Ciranda⁵, um projeto de educação popular voltado às crianças e adolescentes da Portelinha.

⁴ De acordo com pesquisa feita pelo Teto (2017) as principais áreas de trabalho das pessoas que vivem na Portelinha são: comércio e vendas (17,4 %); reciclagem (15,7 %) e construção (15,2 %); serviços domésticos (9,1 %); serviços de limpeza (8,7 %), costura e artesanato (4,8 %); indústria (4,3 %); transporte e entregas (4,3 %); cozinha (3,9 %); administrativo (3 %); segurança (2,2 %); serviços mecânicos (1,7 %). “Outros serviços” totalizam 9,7 %.

⁵ A Ciranda é um grupo de trabalho (GT) do MOB-PR que propõe atividades educativas planejadas a partir da perspectiva da educação popular. Isto inclui o entendimento de que os processos educativos devem, antes de tudo, voltar-se à realidade concreta das crianças e adolescentes a quem se volta o projeto e que, por isso, não se limitam aos conteúdos e muros

De lá para cá, os relatos levantados durante a pesquisa que precede este artigo mostram que tanto o GT Ciranda como o MOB-PR passaram por diversas mudanças e reconfigurações⁶. Transformações que foram acontecendo, de acordo com discussões internas, com a aproximação do Movimento a pessoas da Comunidade, com maior presença de outros grupos etários do local, enfim, novas configurações que se deram por contextos e demandas que surgiam e desapareciam, dando lugar a outras.

A perspectiva de atuação do MOB expressa, através de seus trabalhos, parte de uma tradição popular de trabalho-luta que foi construída especialmente por movimentos sociais da América Latina e que, como colocou Peloso (2009), de maneira convicta, insurge propostas de superação da cultura política autoritária e personalista, a partir de propostas de construções e mobilizações coletivas. Essa tradição popular, da qual o trabalho de base é elemento chave, compreende diferenças em termos de ideologia, questões culturais, religiosas etc., mas tem em suas expressões uma essência em comum: a busca por criar raízes junto à vida das pessoas da base, aquelas que sustentam outros grupos da sociedade (PELOSO, 2009). Neste sentido, sendo comunitário, o MOB procura se somar à luta por melhores condições de vida para pessoas que vivem naqueles espaços onde está a luta pela vida, o habitat da base: as periferias.

Ao seguir nas veredas do trabalho de base, um princípio tende a se tornar evidente: a noção de que o trabalho tem de ser construído a partir da união entre ação e reflexão, entre teoria e prática, entre trabalho intelectual e braçal (PELOSO, 2009; BOFF, 19--). Ao passo que reflexão, teoria e trabalho intelectual carregam consigo um caráter fundamentalmente educativo (BOFF, 19--). Para se alcançar essa unidade dialética preconizada, é necessário que haja no processo além de ações concretas para melhorias da vida, o desenvolvimento de um projeto educativo, justamente para qualificar os necessários momentos de reflexão e estudos teóricos. Este projeto educativo, se feito de maneira coerente à premissa da tradição popular mencionada, busca superar autoritarismos e imagens de lideranças baseadas em condutas individualistas. É a educação popular "del pueblo, para el pueblo y por el pueblo" (ABRAHAM, 2013, p. 16)

escolares. As atividades acontecem semanalmente, aos sábados, e propõem reflexões através de atividades artísticas, jogos cooperativos, etc.

⁶ O MOB-PR tem, atualmente, três GT's ativos: a Ciranda, a Horta Comunitária e a Cooperativa Entre Laços e Linhas. Este artigo discorre sobre os dois primeiros, então por ora cabe dizer que a Cooperativa, fundada em Março de 2018, é um grupo de trabalho formado por artesãs que fazem a produção e venda de artigos em crochê, tricô e costura. Antes da pandemia de covid-19, essas artesãs organizavam encontros noturnos na sede do MOB-PR, momentos para produção e troca de conhecimentos, através de aulas ministradas entre as participantes, além de eventuais reuniões organizativas.

Considerando o então posto, para além de deliberar sobre a importância de um projeto em educação para os trabalhos, no trabalho de base há principalmente que se fazer a educação popular a partir da concreta atuação política, que, por sua vez, submete-se à constante análise coletiva e gera assim um novo processo educativo. Como disse Paulo Freire, “educação é tanto um ato político quanto um ato político é educativo. Não é possível negar de um lado a politicidade da educação e do outro a educabilidade do ato político” (FREIRE, 2021, p. 8). É, portanto, um entendimento amplo do que vem a ser educação, assim como é também uma noção dialógica sobre a mesma, na medida em que a educação não é considerada de maneira desconexa de outras frentes de atuação, o que a torna inerentemente política.

Mas então, seja com projetos específicos de educação popular ou com o ato educativo fruto do processo de outros trabalhos, ou ainda, em ambos os casos, que quer este modelo popular de educação? Para o movimento neozapatista, o que se quer é

...ensinar uma história verdadeira de nossos povos, país, mundo, a nossos meninos e meninas. Também queremos uma educação que fortaleça nossa cultura, nossa língua materna, nossa própria forma de educação em cada família. Queremos uma educação também que nos ensine o coletivismo, a unidade, a disciplina, o companheirismo. Queremos uma educação que saiba responder às necessidades de nossos povos de acordo com a região onde vive. Queremos uma educação que nos ensine alguma técnica de trabalho, que nossas comunidades, de todos os trabalhos que estamos realizando em nossas comunidades. Queremos uma educação onde se respeite nossa cultura e não zombemos dela. Queremos uma educação que nos ensine o justo, para praticar a justiça. Queremos uma educação onde se respeite a igualdade de direitos entre homens e mulheres e a defendê-los com dignidade. Queremos uma educação onde se respeita a sabedoria e se dá valor a nossa dignidade. E queremos uma educação também em que se ame o trabalho, onde se ame a vida, onde se ame também a vida de nossa mãe natureza. (SANTOS, 2008 p.76)

Como sintetizou Rojas (2019), essa “outra educação” busca romper com aquela que busca perpetuar e reproduzir as ideologias e culturas dominantes, a partir de ensinamentos abstratos e distantes da concretude da vida, além de ser “decorativa, endurecida, chata” (ROJAS, 2019, p. 169). É, de acordo com o autor, uma educação para o ensino do pensamento crítico e transformador sobre a realidade, da consciência científica; é o exercício intelectual que põe ênfase nos “porquês” e nos “comos” das coisas, muito mais do que os “quandos” e “ondes” (ROJAS, 2019).

É caminhando neste sentido que se há, no MOB-PR, um GT especificamente voltado à educação popular. Militantes do Movimento acreditam que o ato educativo não deve se limitar ao GT, que como foi exposto, tem de ser entendido de maneira mais ampla, coletiva e concreta. O Movimento acredita que a educação popular está também (ou principalmente) nas reuniões bem encaminhadas,

nas organizações das ações e manifestações, nos dias de mutirão. Está nos diálogos construtivos, no uso de espaços coletivos como a sede do MOB-PR e está também, por que não, nas confraternizações do Movimento e da Comunidade.

À vista disso, os planejamentos das atividades da Ciranda procuram dialogar com outras ações do MOB-PR, como acontece, por exemplo, com os mutirões da “Horta Comunitária Eduardo Felipe - Zé Pequeno”. A Horta é um GT que foi iniciado no segundo semestre de 2021 a partir, principalmente, de sonhos de uma militante do Movimento, moradora da Portelinha desde 2008, que é também participante da pesquisa que baseia este artigo. Esta mulher, uma aguerrida chefe de família, carrega consigo há anos alguns sonhos de uma horta comunitária na Comunidade. Segundo ela, deseja algo “bonito” para a Portelinha, além de querer facilitar o acesso das pessoas a uma melhor alimentação. Mas, sobretudo, anseia um trabalho para educar as crianças, ensiná-las o que é “comida de verdade” e de onde ela vem - da terra.

Sobre trânsitos entre educação e política

Os registros feitos ao longo da pesquisa mostram que desde o início dos trabalhos da horta, o GT dialoga com os trabalhos do GT Ciranda, e vice-versa. Por exemplo, desde a primeira reunião de planejamento da horta, algumas crianças que participam da Ciranda estiveram presentes de maneira ativa. Em princípio porque o espaço da sede do MOB-PR, onde geralmente são feitas as reuniões, é muito apropriado por elas, de modo que sempre que elas vêm alguma movimentação por ali, rodeiam o portão da sede, perguntando se podem entrar para desenhar, conversar ou para usar a brinquedoteca e biblioteca. Então, entre uma brincadeira e outra ou um desenho e outro, ao ouvirem as confabulações sobre uma horta na Comunidade algumas crianças acabavam intervindo com perguntas ou sugestões.

Para o MOB-PR, nem sempre é vantajoso que as crianças menores compartilhem do uso da sede durante algumas de suas reuniões, principalmente por conta das interrupções, dos barulhos etc. Mas no dia 31 de Outubro de 2021, dia da primeira reunião para tratar sobre a horta, as pessoas presentes calcularam que seria possível compartilhar o ambiente com as crianças, desde que colocados alguns limites e com um militante que ficaria responsável em mediar e facilitar as atividades das crianças, para mitigar a possibilidade de muitas interrupções. Neste cálculo para avaliar se manteriam ou não as crianças durante a reunião, um elemento decisivo foi colocado pela mesma

militante que puxou, ao compartilhar seus sonhos, os trabalhos da horta. Ela disse: “é uma beleza ver essas crianças aqui, né? Não dá vontade de tirar”. E assim foi.

Neste dia 31, um domingo chuvoso, depois de alinhar alguns objetivos e encaminhamentos para o início dos trabalhos para a horta comunitária, o grupo seguiu para uma espécie de “vistoria” de algumas áreas da Comunidade, para avaliar então o melhor local para iniciar os trabalhos na terra. Após visitar os possíveis locais (visita encerrada sobretudo pela chuva que engrossava), chegou um momento muito importante para a história dos trabalhos deste GT e para a história da horta em si.

Desde a primeira reunião, houve a presença de duas pessoas externas ao Movimento e à Comunidade, uma dinâmica ou função que o MOB chama de “apoio”: são as pessoas que não necessariamente precisam morar na Portelinha e podem se comprometer com responsabilidades mais pontuais no Movimento. Esses dois companheiros externos levaram, naquele dia, algumas mudas e dentre elas, a de um abacateiro. Naquele fim de tarde de um domingo chuvoso, o abacateiro foi plantado por um jovem da Comunidade, afilhado da militante que suscitou o desejo de iniciar os trabalhos da horta. Este jovem de 16 anos, Eduardo Felipe, foi quem deu o nome à Horta, justamente porque uma semana após esse plantio, o Zé, como era conhecido, faleceu. Sua morte, segundo nota emitida pela Polícia Militar do Paraná, foi resultado de um confronto com policiais (PARANÁ, 2021). Entretanto, conforme narram dezenas de moradoras e moradores da Comunidade, o Zé foi assassinado, praticamente em frente de casa (PARANÁ, 2021).

Este relato torna mais nítida a maneira em que questões políticas atravessam os trabalhos do Movimento, ao passo que ele busca criar suas raízes junto a pessoas impelidas a lidar com variados crivos sociais. Assim como na atuação de um projeto específico em educação, como é o caso da Ciranda, ao refletir e agir sobre algumas dessas determinações sociais, o MOB-PR também desenvolve e pratica seu projeto de educação popular.

Trata-se, de fato, em compreender a educabilidade da política e a politicidade da educação (FREIRE, 2021). É neste sentido que a Ciranda busca refletir e dialogar com a realidade da Portelinha e com outros GT's do Movimento. A exemplo, assim fez quando procurou mediar a participação das crianças e adolescentes nas mobilizações e discussões que surgiram com a morte do Zé, ao mesmo tempo em que trabalhou para mediá-las também no GT da Horta Comunitária que, com o tempo, assumiu também um caráter de memória daquele morador que foi tão querido e importante à Portelinha toda.

Desde a primeira reunião para o GT da Horta Comunitária, no dia 31 de Outubro de 2021, aconteceram 4 mutirões que variaram entre funções de limpeza do terreno, construção de canteiros,

preparo da terra e plantio. Em todos esses momentos, as crianças estavam presentes, em alguns deles de maneira mais assistencial, pela orientação das pessoas adultas, enquanto que em outras situações, estiveram totalmente comprometidas com as tarefas dos trabalhos.

No primeiro mutirão, novamente em um domingo, mas desta vez no dia 14 de Novembro de 2021, a limpeza do terreno compreendia algumas tarefas pesadas e com certo grau de risco, visto que a área a ser limpa continha além de lixo, o abrigo a muitos bichos que iam de aranhas a cobras. Então, enquanto algumas pessoas tratavam dessas tarefas mais pesadas, com os materiais da Ciranda, as crianças pintaram algumas placas para adornar a horta: escritos que carregavam o nome da horta ou algumas recomendações para seu uso, discutidas e levantadas por elas mesmas, com mediação das outras pessoas ali presentes.

FIGURA 2: Plaquinhas feitas durante o mutirão da Horta Comunitária Eduardo Felipe - Zé Pequeno



Fonte: Arquivos MOB-PR (2021)

Já no dia 21 de Novembro, o mutirão para a Horta teve duas frentes: enquanto algumas pessoas seguiam com a limpeza e com a construção de canteiros no terreno, na sede do MOB-PR, as crianças e duas educadoras da Ciranda faziam a semeadura de algumas mudas, que posteriormente, em algumas semanas, seriam replantadas na horta por elas mesmas.

Uma das educadoras é professora de Ciências da rede básica de ensino e, enquanto as crianças decidiam pelas sementes que plantariam e criavam uma ficha de acompanhamento do desenvolvimento da muda, essa educadora contava um pouco sobre as demandas do processo e sobre o desenvolvimento daquelas sementes, abordando algumas necessidades como água, luz etc.

No encerramento da atividade, as crianças foram novamente alertadas sobre as recomendações e cuidados necessários e em seguida foram lembradas que, se tudo desse certo, as

sementes vingariam e tomariam forma de mudas, flores, frutos e legumes, que seriam transferidos à Horta Comunitária Eduardo Felipe - Zé Pequeno.

FIGURA 3: Mutirão do dia 21 de Novembro: limpeza do terreno, construção de canteiros e sementeira de mudas.



Fonte: Arquivos MOB-PR (2021)

As mudas semeadas ficaram armazenadas na parte externa da sede do MOB-PR, sob responsabilidade das crianças, que iam até o local para aguçá-las. Foram plantadas sementes de rabanete, diferentes tipos de milho, abóbora, pepino e melancia. As sementes que conseguiram resistir à estiagem e às altas temperaturas em que se encontrava a cidade naquelas semanas, enfim, as que vingaram foram, conforme o combinado, replantadas na horta pelas crianças, no mutirão do dia 5 de Dezembro.

O dia 5 de Dezembro foi o dia do penúltimo mutirão do ano, o dia em que os canteiros já organizados receberam uma terra preparada (feita e trazida pelos companheiros externos, “apoios” que acompanham o GT desde o início) e que o grupo trabalhou em mais alguns toques finais, como a cobertura do solo com a mamona, para aproveitar dos nutrientes que ela pode oferecer à terra. Além disso, foram feitos também alguns afagos no espaço em que cresce o abacateiro plantado pelo Zé. Depois, enfim, a terra recebeu as mudas que as crianças haviam semeado semanas antes, sendo a grande maioria mudas de milho.

Os mutirões começavam sempre pela manhã e terminavam, no geral, no meio ou fim da tarde. Como os dias estavam muito quentes e secos, mas principalmente pela quantidade de mosquitos que insistiam em picar qualquer pessoa que estivesse no local da horta, poucas crianças conseguiram resistir até o momento do plantio. Foram sete crianças que, ao conseguirem aguentar as

condicionantes climáticas até aproximadamente 17h, colocaram sobre a terra, com muito carinho, aqueles milhos “por-vires”.

Neste momento, houve o incentivo de que ao plantar a muda no canteiro, as crianças mentalizassem o Zé, alguma de suas características, algum desejo para ele ou uma lembrança da pessoa que deu vida ao nome que hoje o trabalho procura memorizar, um rapaz conhecido por ter sido extremamente divertido e brincalhão. Sem necessidade de verbalizar, mas aparentemente muito atentas ao que estava sendo feito naquele momento (até as picadas de “porvinha” ficaram em segundo plano), as sete crianças, muito delicadamente, assentaram as mudas e as cobriram de terra.

FIGURA 4: Plantio das mudas de milho semeadas durante atividades da Ciranda.



Fonte: Arquivos MOB-PR (2021).

Entre meios e fins: muitas tentativas e erros mas, ainda assim, beleza

A análise feita sobre os registros levantados para a pesquisa de dissertação sobre as avaliações feitas pelas pessoas que participaram dos processos relatados, nos GT da Horta Comunitária ou da Ciranda, deixa em evidência que se essas experiências são bonitas e inspiradoras, a beleza delas dificilmente brilha sozinha. Pois constam também nos relatos os mais variados tipos de obstáculos presentes no trajeto desses trabalhos. Foram e são como pedras no meio do caminho e uma necessidade imposta de se fazer desvios.

A começar, o terreno onde hoje está a Horta Comunitária Eduardo Felipe não foi o primeiro local planejado para tal, ou seja, não foi ali que os trabalhos foram iniciados. Antes disso, no mutirão do dia 14 de Novembro, o GT trabalhou por muitas horas com a limpeza de um terreno que depois

descobriu-se tratar de um verdadeiro lamaceiro, o que certamente impossibilitaria que qualquer tipo de cultura ali vingasse.

Foi um domingo inteiro de trabalho embaixo de sol forte e de muito calor, para que então o grupo de trabalho percebesse que a escolha do local não tinha sido acertada, e que por isso seria necessário um novo planejamento. Em uma publicação em rede social do Movimento, é possível ler as seguintes palavras:

Começamos o trabalho pela manhã, limpando o terreno, que por motivos variados já era o terreno do plano B e não do plano A. Limpamos, limpamos, limpamos... No meio do caminho surgiram mais braços pra somar no trabalho, que não era leve. Mas também se somaram alguns imprevistos, os "B.Os". E vinham mais e mais. Num ponto em que, depois de um dia inteiro de trabalho, tivemos que mudar a rota e partir pro plano C, que ainda terá de ser melhor construído...

Mesmo com a frustração e cansaço físico, tentamos não pensar em tudo isso como trabalho perdido. Foi aprendizado (por mais clichê que isso possa parecer). Foram momentos de muita discussão, de troca e argumentos, momentos em que novas pessoas entraram no projeto e esperamos, pra ficar.

Assim é o trabalho de base, aquele que propomos fazer, junto das pessoas que carregam a sociedade nas costas, das pessoas das periferias desse mundão. É tentativa, é trabalho contínuo, por vezes tão difícil... É errar muito, mas continuar tentando, porque tão importante quanto dar certo, é o tentar junto, pensar junto, sonhar junto... É difícil mas tem também muita boniteza envolvida. Tem abraço gostoso, criança feliz, comida boa, animação... Tem comunhão e isso faz a luta ter sentido. (MOB-PR, 2021)

De modo semelhante, a atividade da Ciranda enquanto uma das frentes do mutirão feito no dia 21 de Novembro, o dia da sementeira com as crianças, também contou com erros, mudanças de rota e certa frustração. Concretizar a proposta da atividade não foi tão fácil quanto se imaginava e nem tudo correu exatamente como o esperado. O GT avaliou que a exaltação das crianças e o número reduzido de educadoras tornou a mediação da proposta muito trabalhosa e desgastante. As fichas que foram feitas pelas crianças, teoricamente para que elas pudessem registrar o acompanhamento das mudas, não cumpriram a função para a qual foram planejadas.

Além disso, muitas das mudas semeadas durante essa atividade, antes de crescerem, estorricaram. Em partes, porque o tempo estava realmente muito seco e como consequência disso, junto da ausência de estrutura para distribuição de água na Portelinha, muitas casas passam dias sem receber água, às vezes semanas. Então, a água que chega à Comunidade muitas vezes não é o suficiente para o básico, quiçá para vingar mudas. Mas segundo avaliam as pessoas da Ciranda, em partes, algumas mudas não cresceram também porque nem todas as crianças estavam preparadas para tomar para si a responsabilidade de mantê-las úmidas, o que é bastante compreensível, ainda que isto não tivesse sido deliberadamente previsto.

Outro fato-obstáculo relatado é que, em 2022, após mais de um mês sem algum mutirão para limpeza do terreno da horta, o mato, o capim e as pragas insistem em crescer sobre o que foi carinhosamente plantado, tentando dominar os canteiros que foram arduamente carpidos. Segundo as palavras de uma das militantes do MOB-PR, moradora da Portelinha, “os milhos tão grande, bonitos, crescendo bem bonitos. A couve também tá bonita... Pegou! Tudo que a gente plantou, pegou. A única coisa que acontece é que... O mato tá tomando conta da nossa horta!”.

O mato que “toma conta da horta” lembrou ao grupo que a dinâmica das demandas que atravessam o Movimento seguem seu próprio ritmo e às vezes este ritmo ultrapassa o ritmo do grupo. Tratando-se, no caso da horta, de ritmos que seguem a ordem da vida, a velocidade pode realmente surpreender. Certamente as chuvas curitibanas da virada de ano contribuíram para que o mato tenha crescido desenfreadamente, convocando assim um novo mutirão que foi marcado às pressas.

Algumas considerações

Com os relatos levantados se evidencia o fato de que o trabalho de base é a educação popular aplicada, em movimento e ação. Não há trabalho de base que não gere processos educativos, a prática de mutirões, de lida com a terra, de trabalho coletivo feito por negociações e avaliações, tudo isto gera conhecimentos. E a educação popular, sendo feita da perspectiva do trabalho de base, espontaneamente dialoga com os trabalhos feitos, mesmo quando estes não estão colocados especificamente enquanto processos pedagógicos. O trabalho de base necessita da educação popular, assim como a educação popular necessita do trabalho de base, são complementares, um é elemento constitutivo do outro, como bases que se sustentam.

Neste sentido, também fica evidente que educação popular nunca trata “somente de educação”, não se resume de maneira alguma à didática e assimilação de conteúdos. O fato é que, da perspectiva da tradição popular de luta, não se vê possibilidade alguma de que qualquer processo educativo seja abreviado a essa noção reduzida e ao mesmo tempo conteudista de educação, ainda que venha sendo defendida como parâmetro para a educação tradicional, que há anos sofre de operações que a buscam isolar das questões políticas.

Os processos educativos estão sempre em relação com outras esferas da vida, com outros setores da sociedade, com outras frentes de trabalho e de luta. Já disse Freire (2021), a educação é política assim como a política é educativa.

Além disso, por fim, fica nítido que a “boniteza” que o MOB-PR afirma encontrar no andar de seus trabalhos compreende também algumas “feiuras”, desgastes e mesmo um certo amargor de derrotas ou falhas, mas ainda assim, tratam-se de bonitezas. Como escreve Ranulfo Peloso,

A fé na vida, o amor pelo povo, o sonho da liberdade e a fraternidade universal formam a força interior que impulsiona o militante, principalmente nos momentos da dor, da dúvida e das derrotas. Mas, [a alma do trabalho de base] está presente na alegria de viver, na disposição para a luta, na esperança sem ilusões, no canto, nos símbolos, na beleza do ambiente, nas celebrações e, sobretudo, no companheirismo. (PELOSO, 2009, p. 41)

Na pesquisa de Mestrado que dá origem a este artigo, as experiências que giram em torno de sentimentos como fé, amor e sonhos foram representadas por meio de uma alegoria, a do fogo, que toma forma em duas versões e neste caso, está como o chamado “fogo brando”, que se contrapõe ao “fogo bruto”, que queima de maneira ardida e dolorida.

O fogo brando é como o companheirismo e a fraternidade que Peloso (2009) aponta como algumas das bases essenciais ao trabalho de base, é o calor que une e aproxima pessoas, trabalhos e sonhos. De certa maneira, esses sentimentos remetem a uma certa noção, que por ter sido objeto de estudo por anos do geógrafo russo Piotr Kropotkin, tomou a forma de ser um de seus conceitos mais caros: o apoio mútuo. Kropotkin foi um militante anarquista, cientista e pesquisador que buscou defender e comprovar que, nas relações humanas ou não humanas, não é somente a competição que gera a evolução, mas principalmente o apoio mútuo, uma dinâmica necessária à subsistência.

Para Kropotkin (2009) o apoio mútuo se ampara em sentimentos como amor, mas o geógrafo defende que, sem desconsiderar a importância do amor, essa ajuda mútua ou o ato de união para criar algo extrapolam a lógica de um sentimento individual. Trata-se na verdade de uma base social, na qual há a

(...)percepção – mesmo que apenas no estágio do instinto – da solidariedade humana. É o reconhecimento inconsciente da força que cada homem obtém da prática da ajuda mútua; da íntima dependência que a felicidade de cada um tem da felicidade de todos; e do senso de justiça ou de equidade que leva o indivíduo a considerar os direitos de todos os outros indivíduos iguais aos seus. (KROPOTKIN, 2009, p. 15)

Aparentemente, todos os trabalhos e dinâmicas do MOB-PR estão construídos sobre a busca por promover e cativar a esse entendimento de felicidade que é alcançada de fato, quando compartilhada e, por assim ser, de certa maneira, é um sentimento dependente da coletividade. Assim como para Bakunin, a liberdade individual também depende da liberdade coletiva:

Só serei verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, forem igualmente livres, de modo que quanto mais numerosos forem os homens livres que me rodeiam e quanto mais profunda e maior for a sua liberdade, tanto mais vasta, mais profunda e maior será a minha liberdade.

Eu só posso considerar-me completamente livre quando a minha liberdade ou, o que é a mesma coisa quando a minha dignidade de homem, o meu direito humano refletidos pela consciência igualmente livre de todos, me forem confirmados pelo assentimento de todos. A minha liberdade pessoal, assim confirmada pela liberdade de todos, estende-se até o infinito. (BAKUNIN, 1975, p. 22-23)

Assim como as palavras de Kropotkin (2009) e Bakunin (1975), trabalhos como os relatados neste artigo buscam contribuir ao entendimento de que a busca pela soberania da base social só se efetiva na coletividade e que, portanto, depende dessa coletividade em dinâmicas de fraternidade para sua própria construção de soberania. Os meios utilizados têm o horizonte sonhado (o “fim”) como referência.

Neste exercício de coletividade proposto, a construção se sustenta por relações, seja entre indivíduos, seja entre diferentes grupos de trabalho, entre diferentes esferas da sociedade, entre educação e política, política e cultura e por aí além. Afinal, “ninguém está só no mundo” (FREIRE, 2021, p. 2) e todos estamos com ele.

Nota-se com as experiências aqui descritas que, se o horizonte de vida sonhado por quem trabalha a partir da perspectiva da tradição popular de luta encontra-se distante da realidade vivida pela base e se, ainda, abarca uma complexa relação de sistemas, mesmo que os meios usados busquem referência no próprio horizonte, não estará livre de contingências determinadas pelo o que não controla ou até mesmo pelo que contesta. Em outras palavras, o caminho não é linear, não é simples e nem tranquilo.

Então, mesmo quando meios buscam adequar-se aos fins, o que este artigo busca também destacar é que há vantagem em se antecipar dos duros acasos que podem surgir pelos caminhos da luta feita na base social, tenham eles a forma de ruas sem saída, pedras, lama ou pragas. Para isso, parece ser importante também não seduzir-se por simplismos e romantismos, fenômeno que pode ocorrer com certa frequência ao discutir-se sobre perspectivas e sonhos de mudança. Primeiro, ao evitar essas reduções que parecem tão atraentes, tem-se a vantagem de desviar do gosto amargo que geram quando sua beleza é confrontada com a frustração.

Por fim, outra vantagem é que há, na ciência das dificuldades, o incentivo à busca por maneiras coletivas para se encontrar os atalhos, as pontes, fugas ou recomeços necessários. Esse exercício de construir junto a outras pessoas, por sua vez, é um trato que pode desmanchar alguns “mal-feitiços” característicos da sociedade individualista, como o personalismo e o autoritarismo

convictamente refutados pelo trabalho de base e, assim, pode também consolidar o princípio de que o saber e o fazer coletivo pode ser muito mais qualificado que o saber e o fazer individualizado.

Referências

ABRAHAM. Educación autónoma. *In: Gobierno Autónomo II - Cuaderno de texto de primer grado del curso “La Libertad según l@s Zapatistas”*. [s.l: s.n.].

BAKUNIN, Mikhail. **O conceito de liberdade**, 1975.

BOFF, Clodovis. Como Trabalhar Com o Povo. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://servicioskoinonia.org/biblioteca/pastoral/BoffClodovComoTrabalharPovo.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2021.

FREIRE, Paulo. **Como trabalhar com o povo**. 2021. Disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/1533>>. 17 fev. 2022.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. [s.l: s.n.].

MOB-PR. **Mutirão da Horta Comunitária Eduardo Felipe - Zé Pequeno** Curitiba, 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CWRZ3v9Pgdl/>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

PARANÁ REDAÇÃO. Jovem é morto com mais de 15 tiros durante operação policial | Cidades. **Brasil de Fato Paraná**, Curitiba, 2021. Disponível em: <<https://www.brasilefatopr.com.br/2021/11/08/jovem-e-morto-com-mais-de-15-tiros-durante-operacao-policial-em-curitiba>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

PARANÁ, Poder Judiciário do Estado Do. Processo 0012467-46.2007.8.16.0001. Curitiba.

PELOSO, Ranulfo. Método de Trabalho de Base e Organização Popular. *In: Caderno de Formação n. 38: Método de trabalho de base e organização popular*. [s.l.] : Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2009. Disponível em: <<http://publications.lib.chalmers.se/records/fulltext/245180/245180.pdf%0Ahttps://hdl.handle.net/20.500.12380/245180%0Ahttp://dx.doi.org/10.1016/j.jsames.2011.03.003%0Ahttps://doi.org/10.1016/j.gr.2017.08.001%0Ahttp://dx.doi.org/10.1016/j.precamres.2014.12>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Mandar obdecendo: as Lições Políticas do Neozapatismo Mexicano**. São Paulo: Entremares, 2019.

SANTOS, Juliana Silva Dos. **O movimento zapatista e a educação: direitos humanos, igualdade e diferença**. 2008. Dissertação - São Paulo, 2008.

Recebido em: 17 fev. 2022.

Aceito em: 20 maio 2022.